

FOLHA DE S.PAULO



FOLHA MULHER ([HTTPS://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/MULHER/](https://www1.folha.uol.com.br/mulher/))

Para 9 entre 10, violência contra mulheres aumentou, diz Datafolha

Homens que querem comprar arma têm visão menos positiva do feminismo

14.abr.2019 às 2h00

 EDIÇÃO IMPRESSA (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2019/04/14/>)

Ana Estela de Sousa Pinto

SÃO PAULO A percepção de que aumentou a violência contra a mulher (<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/ideologias-opostas-apartam-mulheres-vitimas-de-abuso.shtml>) no último ano fica ao redor de 90% em todos os estratos etários e sociais.

Os maiores índices (<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/feminismo-e-mais-bem-avaliado-entre-homens-que-entre-mulheres-diz-datafolha.shtml>) são registrados entre mulheres (93%) e brasileiros com ensino médio (94%). Nesses dois grupos, 85% e 86%, respectivamente, concordam totalmente com a afirmação de que cresceu a violência contra mulheres (<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/71-dos-femicidios-e-das-tentativas-tem-parceiro-como-suspeito.shtml>), de acordo com pesquisa Datafolha.

Os menores índices aparecem entre as mais ricas, com renda familiar mensal superior a 10 salários mínimos (R\$ 9.980 em 2019). Ainda assim, 85% delas veem alta.

Embora a polarização política afete as opiniões sobre feminismo e sobre outras questões econômicas e sociais do país, não há diferença nessa percepção entre os que votaram em Jair Bolsonaro (PSL),

Fernando Haddad (PT) ou branco ou nulo na eleição presidencial de 2018: 90% dos bolsonaristas e 92% dos restantes acham que a violência cresceu no ano passado.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que compila e classifica dados sobre esse fenômeno, ainda não tem resultados para 2018.

Nos últimos dados disponíveis, os feminicídios (quando o crime é cometido por menosprezo à condição feminina) cresceram 21% de 2016 para 2017, chegando a 1.133 casos em 2017, 1,1 para cada 100 mil mulheres.

Os homicídios com vítimas mulheres subiram 6,1%, chegando a 4.539 em 2017, 4,3 por 100 mil mulheres.

Os registros de violência doméstica e lesão corporal dolosa por 100 mil indivíduos ficaram estáveis. Foram 184 casos por 100 mil mulheres em 2017, num total de 193.482 registros. O número equivale a 22 casos por hora.

Os registros, porém, são uma pequena parcela dos casos de violência. Datafolha feito em fevereiro mostrou que 22% das mulheres que sofreram alguma agressão no último ano procuraram um órgão oficial.

Mais de um quarto (27%) delas relatou ter sofrido agressão em 2018. Insultos e humilhações foram o mais comum, mas ao menos 1 em cada 10 foi atacada fisicamente.

Para Thandara Santos, conselheira do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a percepção de alta da violência acontece não só porque esse tema tem sido mais visível, mas também pelo debate recente sobre acesso mais fácil a armas.

“Não é possível falar sobre armas sem tratar também de violência contra mulheres. Há potencial para aumentar o número de feminicídios, porque essa violência acontece principalmente no ambiente doméstico”, diz.

Pesquisa do núcleo de gênero do Ministério Público de São Paulo mostra que 42% das agressões contra mulheres ocorre na casa da vítima.

De 2017 para 2019, o percentual de mulheres que dizem ter sido agredidas por pessoas conhecidas (companheiros ou ex-companheiros, vizinhos e familiares) aumentou de 61% para 76%.

Segundo o levantamento do Datafolha, a visão do feminismo é menos positiva na parcela de 30% dos homens que dizem pretender comprar armas para se defender, a partir da flexibilização promovida pelo governo.

Entre os que querem se armar, 47% dizem que o feminismo causa mais prejuízos que benefícios para a sociedade, e 40% veem mais benefícios. No outro grupo (os 70% que não pretendem se armar), a maioria (52%) vê mais benefícios que prejuízos; 38% acham o contrário.

O apoio ao feminismo também é menor no grupo que quer comprar armas: 44%, contra 47% que não o apoiam. Entre os que não querem se armar, 55% declaram apoio e 37% dizem não apoiar.

Embora a Lei Maria da Penha (de proteção a mulheres) seja considerada modelo no mundo, sobressaem os que discordam de que as leis brasileiras sejam adequadas para proteger as mulheres: 64% das não feministas, 57% das feministas, 54% dos homens pró-feminismo e 50% dos homens que não apoiam o feminismo.

“O gargalo não está na legislação, que é fruto de um consenso amplo. Está na não aplicação plena da lei, que é falha”, diz a presidente da comissão de diversidade sexual da OAB-SP, Marina Ganzarolli. Para ela, o sistema de proteção às brasileiras vítimas de violência é muito falho.

“Faltam equipamentos de saúde, assistência social e acolhimento institucional para mulheres em risco. O dia a dia ainda é de descaso com a mulher que denuncia”, diz ela.

Thandara chama a atenção para o fato de que a legitimação por figuras públicas de ideias machistas e as tentativas de evitar que questões de gênero sejam abordadas nas escolas podem prejudicar a prevenção da violência contra mulheres.

“Há um acirramento de posições, mas ninguém sabe bem do que está falando quando se usa o termo ‘ideologia de gênero’. Na prática, estamos falando de ensinar desde a infância que deve existir igualdade entre homens e mulheres, o que é ponto central para prevenir a violência futura.”

Para Flávia Biroli, da UnB, o crescimento de organizações de garotas em escolas “pode explicar parte da forte reação conservadora recente”. “Existe uma mudança muito grande na maneira como as meninas estão se vendo, por isso a escolha virou um alvo prioritário.”

A polarização do discurso político aparece na avaliação da cobertura da imprensa em casos de violência contra a mulher, mostra o Datafolha.

Para dois terços dos que votaram em Haddad, nulo ou branco, não há exagero na exposição desses casos.

Já os que elegeram Bolsonaro se dividem sobre essa afirmação: 48% veem exagero na exposição, enquanto 49% discordam da tese. No total dos brasileiros, 57% aprovam a cobertura da imprensa e 41% a consideram exagerada.

FEMINISMO?

O que é

Defesa de igualdade social, econômica e política entre homens e mulheres

As pioneiras

Em 1848 nos EUA há a 1ª convenção pelos direitos das mulheres. Sufragistas lutam pelo direito ao voto

Segunda onda

A partir de 1960, surgem três linhas: liberal, que foca espaço nas estruturas de poder; radical, que prega revolução das instituições, e cultural, que critica as outras por 'masculinizar as mulheres'

Terceira onda

Na virada do século, questiona conceitos de beleza e sexualidade. Defende um contínuo entre feminilidade e masculinidade, onde qualquer um pode entrar

Quarta onda

Assédio sexual, cultura do estupro e movimentos como #metoo se sobressaem

No Brasil hoje

Mulheres são 51,6% da população, 15% do Congresso, 45,6% dos trabalhadores, 26% dos diretores de empresa; Brasil é 85º entre 145 países em ranking de igualdade de gênero do Fórum Econômico Mundial

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/para-9-entre-10-violencia-contra-mulheres-aumentou-diz-datafolha.shtml>